

MODALIZAÇÃO: teoria e aplicação

Fernando Moreno da Silva⁷(UNESP)

RESUMO

O presente artigo propõe discutir, do ponto de vista da semiótica francesa, o processo da modalização. Por meio das modalidades, exemplifica-se o emprego da modalização na construção do perfil do blogueiro.

ALAVRAS-CHAVE: Semiótica. Modalidades. Blog.

1. A SEMIÓTICA GREIMASIANA

A semiótica francesa ou da Escola de Paris é um modelo de descrição do sentido, ou seja, uma metalinguagem. Mas ela não se reduz a uma paráfrase, descrevendo o “quê”; ela foca o “como”. Seu objeto de análise será sempre um signo, tomado no sentido amplo do termo (texto verbal, não-verbal e sincrético), enfim, tudo que carrega um sentido. Sua metodologia se organiza em torno da relação entre sujeito e objeto, ambos com investimento semântico de desejo, equivalendo o sujeito ao ser querente (ativo) e o objeto ao ser querido (passivo). “*A existência semiótica é dada pela relação do sujeito com um objeto. Em outras palavras, um sujeito só tem existência na medida em que está em relação com um objeto.*” (FIORIN, 2000, p. 178). Quando o sujeito está em poder de seu objeto, dizemos que esse sujeito está em conjunção com seu objeto; quando está privado dele, o sujeito está em disjunção. Em grande parte, conjunção é um estado positivo, enquanto disjunção é negativo. Há casos, todavia, em que a conjunção é negativa. O vício de beber, quando em posse da bebida, é uma conjunção negativa. A disjunção — longe da bebida — seria positiva.

Os objetos são investidos de um valor. Por isso, o sujeito busca, em verdade, não o objeto, mas o valor nele investido. Um jovem que queira comprar um carro deseja não o carro em si (objeto), mas o conforto (valor) que o veículo lhe proporcionará. Dependendo do valor, o objeto pode ser definido como objeto-valor ou objeto-modal. Este é o meio que permite

⁷ Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP)

chegar ao objeto-valor, da falta à realização; aquele é o fim ao qual almejo. No exemplo dado acima, o dinheiro é objeto-modal, ao passo que o carro é objeto-valor.

2. AS MODALIDADES

O estado do sujeito em relação ao seu objeto desejado nem sempre é estável. Por isso, há basicamente dois tipos de sujeito. O sujeito do fazer é um agente responsável pela mudança de seu estado ou de outro sujeito. O sujeito de estado é paciente e passivo e serve para representar um determinado estado do sujeito em relação ao seu objeto de desejo. Seu estado pode sofrer, pois, mudanças, e essas mudanças são retratadas pelas modalidades, que traduzem as condições e as qualificações desses dois tipos de sujeito.

Ao sujeito do fazer correspondem as modalidades do fazer ou intencionais; ao sujeito de estado, as modalidades do ser ou existenciais. A modalização do fazer é responsável pela competência modal que incide sobre o sujeito do fazer, qualificando-o para o fazer. O sujeito com competência modal é aquele que possui condições ou pré-requisitos para uma ação: é um sujeito que quer, deve, sabe e poder fazer. Cada uma dessas modalidades começa a definir os sujeitos.

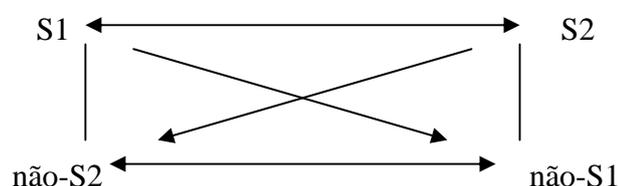
A semiótica analisa o sujeito não apenas do ponto de vista de sua competência, mas também seu modo de existência. Há quatro modos de existência do sujeito: potencial (crê ser), virtual (quer ou deve ser), atualizado (sabe ou pode ser) e realizado (faz ou é). E esses modos são responsáveis pela determinação de suas respectivas modalidades:

potencializantes	virtualizantes	atualizantes	realizantes
crer	querer / dever	saber / poder	fazer / ser

As duas grandes modalidades — intencionais e existenciais — são determinadas por essas quatro modalidades (potencializantes, virtualizantes, atualizantes e realizantes), com as quais formam predicados ou enunciados modais: querer-fazer, poder-ser, etc.

Cada um desses enunciados torna-se um valor modal ao receber uma denominação para traduzir o sentido da fusão dos termos modais. Ex.: O enunciado “querer-fazer” tem como valor modal a “vontade”; poder-fazer corresponde à “liberdade”, e assim por diante. As denominações com as quais trabalharei nesta pesquisa são tomadas de estudos tradicionais da semiótica e também de propostas apresentadas por Cortina (2006, p. 32-3), sobretudo no tocante às modalidades existenciais.

Para uma melhor representação de toda a configuração modal, é necessário tomar o quadrado semiótica como base, usado como um modo de estruturação dos microuniversos semânticos para a representação da estrutura elementar de um texto.



O quadrado semiótico, inicialmente chamado de modelo constitucional, apresenta-se como um instrumento de descrição por meio de seus principais eixos:

- ←→ (S1 vs S2 e não-S2 vs não-S1): eixo de contrariedade
- (S1 vs não-S1 e S2 vs não-S2): eixo de contradição
- (não-S2 vs S1 e não-S1 vs S2): eixo de complementaridade

Representando os enunciados das modalizações intencionais, temos:

- a) Sobre as modalidades virtualizantes do querer: querer-fazer (volição), querer-não-fazer (abulia), não-querer-fazer (nolição) e não-querer-não-fazer (decisão);
- b) Sobre as modalidades virtualizantes do dever: dever-fazer (prescrição), dever-não-fazer (interdição), não-dever-não-fazer (permissividade) e não-dever-fazer (facultatividade);
- c) Sobre as modalidades atualizantes do poder: poder-fazer (liberdade), poder-não-fazer (independência), não-poder-fazer (impotência) e não-poder-não-fazer (obediência);
- d) Sobre as modalidades atualizantes do saber: saber-fazer (competência), saber-não-fazer (habilidade), não-saber-fazer (incompetência) e não-saber-não-fazer (inabilidade).

Quanto aos enunciados das modalizações existências, ei-los:

- a) Sobre as modalidades virtualizantes do querer: querer-ser (desejo), querer-não-ser (desprendimento), não-querer-ser (renúncia) e não-querer-não-ser (apego);
- b) Sobre as modalidades virtualizantes do dever: dever-ser (necessidade), dever-não-ser (impossibilidade), não-dever-não-ser (possibilidade) e não-dever-ser (contingência);
- c) Sobre as modalidades atualizantes do poder: poder-ser (possibilidade), poder-não-ser (contingência), não-poder-fazer (impossibilidade) e não-poder-não-ser (necessidade);

d) Sobre as modalidades atualizantes do saber: saber-ser (verdade), saber-não-ser (falsidade), não-saber-ser (ocultação) e não-saber-não-ser (ilusão).

Vimos que a modalização do fazer (querer, dever, saber e poder-fazer) define a competência modal do sujeito ao incidir sobre o sujeito do fazer. A modalização do ser define a existência modal do sujeito de estado em relação ao objeto-valor ao incidir sobre o objeto. Contudo a modalização do ser apresenta ainda mais dois tipos de modalidades, que incidem sobre a relação de conjunção ou de disjunção entre sujeito e objeto: veridictórias e epistêmicas.

A modalidade veridictória é um fazer interpretativo, pois apresenta um veredicto do estado resultante da relação entre sujeito e objeto mediante a estrutura modal assentada em “ser” *versus* “parecer”. Partindo da aparência (eixo do parecer), chega-se à essência (eixo do ser), concluindo a verdade (parece e é), falsidade (não-parece e não-é), segredo (não-parece e é) ou mentira (parece e não-é) do estado.

Na crítica desenvolvida por Molière à sociedade francesa na peça *Misanthropo*, mostra-se a falsidade de personagens como Celimene e Arsinoé, que fingem tratar bem as pessoas, mas às escondidas detratam até mesmos as pessoas do próprio círculo de amizade (parecem sinceras, mas não são). No poema épico *A odisseia*, Homero ilustra a fidelidade de Penélope a Ulisses, separado da mulher há vinte anos, retorna a sua pátria Ítaca após a destruição de Troia. A fidelidade de Penélope parece e é verdadeira, tanto que acabou se tornando símbolo de fidelidade.

Depois de receberem uma modalização veridictória, os enunciados podem ser sobredeterminados pelas modalidades epistêmicas do crer, quando o estado recebe um segundo julgamento, ou seja, a incidência do crer sobre o ser: crer-ser (certeza), crer-não-ser (impossibilidade), não-crer-não-ser (possibilidade) e não-crer-ser (incerteza). Dessa forma, um enunciado pode ser certamente verdadeiro (crer-ser e parecer), certamente falso (crer-não-ser e não-parecer), etc.

A modalização do ser, portanto, dá existência modal ao sujeito de estado, definindo estados passionais, que são efeitos de sentido de bem-estar ou de mal-estar, resultante da relação do sujeito com seu objeto. Esses estados passionais são chamados de “paixão”. Antes que haja uma confusão na definição deste termo, entendido no senso comum como um caso amoroso, para a Semiótica “as paixões [...] devem ser entendidas como efeitos de sentido de qualificações modais que modificam o sujeito do estado” (BARROS, 2001: 61). A paixão

(estado de alma) foca o sujeito de estado, que segue um percurso entendido como uma sucessão de estados passionais.

Qualquer texto pode discursivizar a subjetividade em seu discurso. Desta possibilidade, constroem-se o discurso apaixonado (quando há um tom passional, ou seja, a paixão subjaz ao ato enunciativo) e o discurso da paixão (quando essa paixão é citada ou representada). Discurso apaixonado é depreendido na enunciação; discurso da paixão, no enunciado. “A Semiótica, ao examinar as paixões, não faz um estudo dos caracteres e dos temperamentos. Ao contrário, considera que os efeitos afetivos ou passionais do discurso resultam da modalização do sujeito de estado.” (FIORIN, 2007: 10). A modalização, por meio da combinação de modalidades, permite-nos investigar não apenas os atos, mas as transformações dos estados do sujeito ou efeitos de sentido passionais. Assim, paixão é sinônimo de ordenação sintagmática de modalidades:

Vergonha: querer-ser (desejo) + dever-ser (necessidade) + saber-não-ser (falsidade)

3. ANÁLISE

Dado esse balanço geral das configurações modais, o próximo passo é fazer uma aplicação dos conceitos apresentados anteriores. Traçaremos, como exemplo, um perfil do *blogueiro* do ponto de vista modal.

Procedendo a um panorama geral do produtor de blog, vemos que ele é impulsionado sempre por dois desejos: primeiro a liberdade; depois a visibilidade. O *blogueiro* é determinado, portanto, pelo desejo (querer-ser).

Seu estado, antes do advento da internet, é de um sujeito em disjunção com seu objeto (liberdade e visibilidade). Disjunto, ele é impulsionado por um desejo (querer-ser) e por uma necessidade (não-poder-não-ser ou dever-ser), acompanhado da impossibilidade (sabe-não-poder-ser).

A impossibilidade se dá porque ele vê e sente que nos meios de comunicação tradicionais dificilmente terá espaço livre a sua voz, com sua manifestação plena.

Em resumo, temos, *a priori*, um sujeito instaurado pela vontade que está em disjunção com seu objeto-valor inicial (liberdade e visibilidade). Mas essa falta não é unicamente do

internauta. É um desejo que sempre perseguiu o homem, o que significa que ele é previamente modalizado por um querer.

Sujeito modalizador e sujeito modalizado são os mesmos. Envolto num mundo no qual a fama é cultuada e louvada, não é de se estranhar que cada um de nós acalente desde a tenra idade o desejo do reconhecimento. Isso, inclusive, é o que nos impulsiona para viver. Sendo um querer-fazer a modalização determinante, temos um dever autodestinado. Essa modalidade endotáxica (sujeitos sincretizados no mesmo ator) cria o sentido de individualidade ou subjetividade como caracteriza o homem pós-moderno, preocupado mais com as questões individuais do que com as coletivas. Uma prova dessa mudança de postura é a autoajuda, que, conforme defende Cortina (2006), deixou de ser apenas um gênero textual para se transformar num estilo difundido em diferentes meios. Trocando em miúdos, tornou-se um fenômeno.

Sendo um sujeito disjuncto, do ponto de vista da competência modal ele quer ter expressividade; tem competência (saber-fazer) para fazê-lo, já que sabe o que escrever; não lhe é proibido ter liberdade, o que lhe falta é apenas um meio em que ele possa divulgar isso a contento. Assim, é-lhe dada a permissividade (não-dever-não-fazer), mas não como ele gostaria; mas é impotente (não-poder-fazer) para pôr seu projeto em ação, uma vez que desconhece uma ferramenta que o possibilite para tanto (querer-fazer, saber-fazer, não-dever-não-fazer e não-poder-fazer).

Do ponto de vista da existência modal, antes do surgimento da blogosfera, temos um sujeito definido pelo desejo (querer-ser), pela impossibilidade (não-poder-ser) e pela necessidade (não-poder-não-ser ou dever-ser). Um sujeito desejoso, mas em falta. Seu estado patêmico é o da insatisfação. Lembrando Antonio Candido (1979), temos um sujeito com uma “vida ao rés-do-chão”: sem fama, na rotina prosaica. Insatisfeito com seu estado presente de temporalidade, ele é aspectualizado pela duratividade, ainda em curso.

Os portais, provedores da página pessoal, serão o sujeito do fazer que alterará a existência modal do sujeito de estado “internauta”. Sua existência resulta de um fazer executado por um sujeito transformador (fazer-ser). O destinador “portal” qualifica o internauta por meio da ferramenta “blog” (objeto-modal), que o torna competente, dando-lhe um poder-fazer. Seu objeto passa de desejável (querer-ser) e impossível (não-poder-ser) para desejável (querer-ser) e possível (poder-ser ou não-dever-não-ser). Em outras palavras, seu estado passa de disjunção para conjunção.

Resumindo, o sujeito tem dois destinadores. A princípio, todos são tentados pelo querer (modalidade virtualizante) ter liberdade e visibilidade, cujo destinador coincide com o próprio sujeito (actantes sincretizados num mesmo ator). Posteriormente, a internet, por meio dos portais, cria uma ferramenta (o *blog*) que proporciona ao internauta um poder (modalidade atualizante).

O sujeito transformador de seu estado, os portais, altera seu estado modal. O *blog* vai proporcionar ao homem um terceiro valor, a interatividade, que irá completar sua liberdade e, por consequência, sua visibilidade. Enquadrando essa mudança no quadrado semiótico, temos a oposição invisibilidade (estado tenso-disfórico de disjunção) e visibilidade (estado relaxado-eufórico de conjunção).

Com relação às paixões, entendidas como efeitos de sentido de qualificações modais que modificam o sujeito de estado, temos um sujeito que sai da insatisfação (antes da internet) e chega à satisfação (depois do *blog*). É um efeito passional de bem-estar, resultante da relação com seu objeto. A insatisfação se caracterizaria pelo querer-ser e pelo saber-não-poder-ser, ou seja, o sujeito sabe que não vai ter reconhecida sua grandiosidade. A satisfação, pelo querer-ser e pelo saber-poder-ser.

Ele sabe que aquele ser ofuscado e fadado à insignificância é coisa do passado. Sua tensividade agora se caracteriza pelo vislumbre intenso. Ele vê a possibilidade (poder-ser) de ser reconhecido numa maior amplitude. Quando antes nos referíamos à liberdade e à visibilidade, estávamos falando em objeto-modal, instrumento por meio do qual alcançamos nosso objeto-valor, o verdadeiro objetivo a ser alcançado. Aí descobrimos que a notoriedade, a grandiosidade ou a exaltação é o valor buscado pelo *blogueiro*.

Seu estado passional agora é aparentemente conclusivo e satisfeito. Isso mesmo, apenas aparente, porque o estado relaxado-eufórico de conjunção está constantemente ameaçado pela necessidade da atualização.

Uma das marcas do *blog* é a atualidade. Sem contestação, ela é uma constante, a começar pela configuração da página, que privilegia o *post* mais atual. Estruturalmente, o acesso inicial aos diários destes autores remete-nos à última ou mais recente entrada produzida. O percurso proposto pelo *blogueiro* é para que o leitor se depare com seu mais recente registro. O mais importante é o último texto postado. O texto e a imagem de ontem já não são mais atrativos.

Quando se abre uma página, o que surge primeiro é o *post* do dia. Os textos ou fotos anteriores são visualizados abaixo. O internauta, caso queira conferir os textos dos dias

anteriores, desce pela página com a barra de rolagem. A atualização é quase uma lei na blogosfera. *Blog* desatualizado está fadado ao abandono de acessos. Há uma estatística (BLOGS, 2005) interessante a esse respeito que mostra a importância da atualização. Dos 4,12 milhões de *blogs* criados nos oito principais serviços de hospedagem do mundo, 2,72 milhões, cerca de 66%, estavam praticamente abandonados, pois não tinham sido atualizados nos últimos dois meses. A média de atualização costuma ser de 14 dias. Apenas 106,5 mil são atualizados pelo menos uma vez por semana e menos de 50 mil o fazem diariamente.

O leitor de *blog*, e o internauta em geral, quer sempre novidades. Se entrar numa página duas vezes e ali não encontrar nenhuma atualização, dificilmente acessará novamente aquela página. Atualizar a página tornou-se uma obrigação para quem quer permanecer “vivo” na blogosfera.

Dessa forma, o *blog* que deixa de postar texto gera desinteresse em seus leitores. Por conseguinte, perde número de acessos, que funciona como um índice de visibilidade. Podemos analisar esse estado de ameaça do ponto de vista da aspectualização. De conclusivo, ele passa a sofrer com a descontinuidade, precisando repetir a façanha de se manter na glória a cada novo *post*.

O arranjo sintagmático capaz de explicar o processo aspectual se compõe basicamente de três elementos:

 incoativo - durativo - terminativo
(pontual) (descontínuo ou contínuo) (pontual)

Na duratividade, temos dois aspectos: descontinuidade (aspecto iterativo) e continuidade (aspecto durativo). O *blogueiro*, para manter sua visibilidade e, portanto, sua funcionalidade enquanto sujeito satisfeito, necessita da atualização constante, devendo repetir sua atividade dia a dia. Assim, do ponto de vista aspectual, ele é um sujeito descontínuo.

CONCLUSÃO

Para recapitularmos, a existência modal do *blogueiro*, antes do surgimento dessa ferramenta, configurava-se pelo desejo (querer-ser), necessidade (não-poder-não-ser ou dever-ser) e impossibilidade (não-poder-ser). Com o uso do *blog* e uma relação conjuntiva com seu objeto-valor (liberdade e visibilidade), seu estado passa a ser caracterizado pelo desejo

(querer-ser) e pela necessidade (não-poder-não-ser ou dever-ser). Essa configuração final corrobora aquilo sobre o qual nos disse Greimas (2002): somos, incessantemente, um querer e um dever-ser.

MODALIZATION: THEORY AND APPLICATION

ABSTRACT

This article discusses, from the viewpoint of French semiotics, the process of modalization. Through modality, it exemplifies the use of modalization in building the profile of the blogger.

KEYWORDS: Semiotics; modality; blog.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: Fundamentos semióticos*. 2. ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001.

BLOGS vivem fase de calmaria, revela pesquisa. *IDG Now!*, 26 nov. 2003.

Disponível em: <http://www.perseus.com/blogsurvey>. Acesso em: 13 set. 2005.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In.: ANDRADE, Carlos Drummond de *et al.* *Para gostar de ler: crônicas*. São Paulo: Ática, 1979.

CORTINA, Arnaldo. *Leitor contemporâneo: os livros mais vendidos no Brasil de 1966 a 2004*. Tese de livre-docência defendida no Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara, 2006.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. Semiótica das paixões: o ressentimento. *Alfa*, São Paulo, v.1, n. 51 (1), 2007.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.